

OS MAUS-TRATOS INFANTIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA ADULTA – UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Beatriz Gomes da Silva

RESUMO

O presente artigo busca investigar as consequências dos maus tratos infantis na vida adulta, utilizando uma abordagem psicanalítica, os maus tratos durante a infância podem incluir abuso físico, abuso emocional, negligência ou exposição a situações traumáticas. A psicanálise reconhece que essas experiências podem ter um impacto profundo na formação da personalidade e no desenvolvimento psicológico do indivíduo. Através de uma revisão bibliográfica, foram analisados estudos que exploraram a relação entre maus tratos infantis e suas consequências na vida adulta, descobriu-se que os maus tratos na infância podem levar ao desenvolvimento de diversos sintomas psicológicos, como transtornos de ansiedade, depressão, baixa autoestima, dificuldades de relacionamento e distúrbios de personalidade. A abordagem busca compreender os efeitos dos maus tratos infantis através do entendimento do inconsciente e dos mecanismos de defesa. A transferência e a análise dos conteúdos inconscientes emergentes durante o processo terapêutico são essenciais para a elaboração dos traumas e a busca por uma maior integração psíquica. A psicanálise oferece um espaço terapêutico seguro e acolhedor, no qual o paciente pode explorar os efeitos dos maus tratos, reconstruir narrativas pessoais e promover uma reorganização psíquica. A abordagem psicanalítica se mostra uma ferramenta valiosa no tratamento desses indivíduos, proporcionando uma compreensão mais profunda dos traumas vivenciados na infância e possibilitando o caminho para a cura e a reintegração psicológica.

Palavras-Chaves: Maus-tratos infantis, impactos psicológicos, sofrimento, psicanálise.

INTRODUÇÃO

A primeira fase da vida, que abrange desde o nascimento até aproximadamente os 12 anos de idade, é denominada infância. As vivências experimentadas nesse intervalo são amplamente reconhecidas por influenciar significativamente o progresso físico, psicológico, sociocultural e afetivo dos indivíduos. O desenvolvimento completo e saudável durante a primeira infância

é essencial para que cada indivíduo alcance todo o seu potencial ao longo da vida, impactando de forma positiva o desempenho acadêmico, a realização pessoal, profissional e financeira. Isso depende, principalmente, de três pilares: Relacionamentos afetivos estáveis; ambiente seguro e protegido; Nutrição apropriada (BVS, 2023).

A infância desempenha um papel fundamental na estruturação psíquica e no desenvolvimento de habilidades reguladoras afetivas, capacidade reflexiva e autonomia. No entanto, experiências traumáticas e relações precoces problemáticas podem interromper ou modificar o curso do desenvolvimento saudável, resultando em uma falta de confiança nos outros e na diminuição dos recursos psicológicos. Quando a capacidade de representar essas experiências é reduzida, o indivíduo se torna mais vulnerável ao sofrimento psicológico. (Moreira & Ferreira, 2022).

Os maus-tratos são uma forma de violência ou falta de cuidado para com uma pessoa próxima, eles estão associados a uma forma de agressão no contexto de uma relação entre duas ou mais pessoas. As formas mais comuns de maus-tratos incluem negligência, violência doméstica e abuso físico, psicológico, emocional e sexual. Os maus-tratos emocionais e psicológicos na infância envolvem a privação de um ambiente tranquilo e afetivamente equilibrado, que é essencial para o crescimento, desenvolvimento e comportamento saudável da criança (Diaphora, 2020).

Indivíduos cujos objetos primários não forneceram condições adequadas para seu desenvolvimento nos estágios iniciais da vida psíquica enfrentam uma tendência persistente ao desespero ao longo de suas vidas. De acordo com vários psicanalistas, privações significativas na infância têm um papel determinante na formação de um psiquismo frágil, que pode levar a quadros psicopatológicos graves (Albornoz & Nunes, 2004).

No que tange ao reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes, Freud foi o precursor nessa busca, bem como na análise dos diversos fatores relacionados nas experiências vivenciadas na infância e na vida adulta. Segundo Waikamp & Barcellos, as consequências psicológicas de uma situação adversa não se restringem apenas à infância, mas é nessa fase que ocorrem os maiores impactos, podendo afetar todo o ciclo de vida.

Ao criar um método de tratamento psicoterápico fundamentado na importância da relação afetiva entre médico e paciente, Freud estabeleceu a psicanálise com base no reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes, permitindo trazer à superfície informações únicas e essenciais para o desenvolvimento clínico psicanalítico e a restauração das condições psíquicas do indivíduo, capacitando-o a enfrentar seus sofrimentos e buscar a cura (Fulgencio, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o Fórum Brasileiro de segurança pública, tendo como base os boletins de ocorrência de 12 unidades da Federação, foram registradas 129.844 ocorrências de crimes selecionados como maus tratos, lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica, exploração sexual, estupro e morte violentos intencionais contra crianças e adolescentes de 0 a 17, entre 2019 e 2021.

No Brasil, nesse período, foi registrado cerca de 136,8 casos diariamente de violência contra criança e adolescentes, onde dentro do perfil de maus-tratos houveram mais de 28 mil registros entre janeiro de 2019 e Junho de 2021, a faixa etária entre 5 e 9 anos foi a de maior percentual. A pesquisa mostra que os maus tratos em crianças e adolescentes é o segundo tipo de crime que mais ocorre no país, dos casos identificados, 90% das vítimas tem até 14 anos de idade, sendo que a maior parte tem entre 5 e 9 anos. (Sumário Executivo - 2021).

No Brasil, o “Estatuto da Criança e do Adolescente” (BRASIL, 1989) foi aprovado pelo Congresso Nacional em 30-06-1989 e, transformado na lei nº 8069 em 16-07-1990. No seu artigo nº 13 encontramos: “os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade” (SCHERER, 2000).

A detecção, denúncia e prevenção de práticas de maus-tratos são fundamentais, já que além de violar direitos, essas práticas podem ter efeitos nocivos duradouros. Entre as consequências da violência e negligência estão atrasos no desenvolvimento afetivo e outras sequelas psicoemocionais, que podem resultar em adultos socialmente passivos, emocionalmente insensíveis e com dificuldade de estabelecer relacionamentos saudáveis. A supervisora da SEASIR alerta que as vítimas têm maior tendência à depressão e, em casos extremos, podem até chegar à morte. (Dias, 2021).

O aumento dos casos de maus tratos infantil é uma triste realidade contemporânea, que limita os direitos da criança e prejudica seu desenvolvimento. Infelizmente, essa situação tem sido uma constante ao longo da história da humanidade, assumindo diversas formas. Quando uma criança sofre negligência, ela muitas vezes percebe sua casa como um ambiente negativo, carente de cuidados emocionais e materiais, repleto de problemas emocionais. Essa privação pode gerar lembranças ruins e vivências negativas que prejudicam seu desenvolvimento saudável. A negligência infantil é um problema complexo e suas consequências negativas afetam o crescimento, o desenvolvimento, a saúde, a segurança, a autonomia e a dignidade das pessoas. (Nunes, 2021).

A negligência é alvo de investigações em diversos países, os quais destacam que este tipo de maus-tratos pode ser ainda mais prejudicial ao desenvolvimento infantil do que outras formas de violência, principalmente quando ocorre de forma crônica. Há evidências de que o abuso e a negligência

podem causar danos cerebrais, incluindo a redução do volume cerebral e mudanças bioquímicas, estruturais e funcionais (Nunes, 2021).

Os desafios para buscar respostas e tentar entender os motivos para a violência e os maus-tratos infantis não vem de hoje, o caminho para a prevenção contra o maltrato, é partir de um pressuposto que a violência vem de uma historicidade, que norteiam questões universais, como a importância da vida humana, e suas formas, antes socialmente aceitas, de abusos e violência doméstica, possibilitando uma reflexão sobre a intensidade e a profundidade da experiência individual. Dessa forma, compreender a ocorrência dos maus-tratos contra as crianças é uma tarefa complexa que requer a articulação em rede de aspectos socioculturais, psicossociais, psicológicos e até mesmo biológicos, a fim de obter uma visão abrangente da problemática em questão. (GOMES, R. et al.2002).

Uma das explicações mais frequentes é a reprodução de experiências de violência familiar vividas na infância, o que pode contribuir para a perpetuação dos maus-tratos, segundo essa lógica, “muitas crianças vítimas de maus-tratos se tornam adultos agressores” (Junqueira,1998:432). Assim, “os pais reproduzem os modelos de educação na infância” (Cariola,1995:160), por terem sofrido o mesmo tipo de maus-tratos, num cenário de “infâncias difíceis” (Castro Neto,1994:219).

Nesse preceito, “Numa família onde toda a estrutura é neurótica, a criança certamente vai ‘herdar’ este comportamento dos pais” (Centeville et al., 1997:100), e, ao se tornar adulto, pode vir a ser um perpetrador de maus-tratos infantis no futuro. Dessa forma, ocorrendo um círculo vicioso, “as crianças recebem todos os impactos de situações de desajustes e descontroles, perdendo os seus vínculos afetivos e tornando-se adultos agressivos, potencializando cada vez mais situações agressivas” (Korn et al., 1998:455).

Devido à complexidade de fatores que cercam os maus-tratos infantis, não é possível explicá-los por meio de um modelo teórico que sugira uma abordagem única ou determinista para o problema (GOMES, R. et al.2002).

Apesar de ser reconhecida atualmente como um sujeito de direitos, a criança ainda é vítima de maus-tratos devido à persistência das relações de poder baseadas em gênero e idade. “Essa desigualdade nada mais é do que a assimetria do poder: a submissão do mais fraco pelo mais forte, que se traduz em maus-tratos físicos, em abuso sexual contra meninas e meninos, negligência e abandono” (Silva, 1998:795).

Durante as civilizações antigas, o infanticídio era utilizado como forma de eliminar crianças que nasciam com deficiências físicas. Estas crianças eram abandonadas para morrer desnutridas ou devoradas por animais. Motivos como equilíbrio de sexos, necessidade econômica em tempos de grandes flagelos, incapacidade de acompanhar longas caminhadas, razões religiosas, e até mesmo o direito do pai em reconhecer ou não o direito de seu filho de viver ("Jus vitae et nasci" - Roma) foram citados como justificativas. No século XV, a figura

infantil era considerada a personificação da ingenuidade, da inocência, do bem - o oposto da violência. A criança tornou-se um símbolo de beleza, inocência e esperança de uma vida melhor nas artes plásticas. No entanto, o século XVI foi marcado pela violência contra as crianças, surgindo assim "colégios" que abrigavam estudantes pobres e sem famílias, considerados indesejáveis pela sociedade, e que eram submetidos a maus-tratos e humilhações intencionais. (SCHERER, 2000).

No decorrer deste século, a infância começa a ser reconhecida, descrita e considerada como uma fase da vida humana. Ela é valorizada e a família é responsabilizada por qualquer tipo de dano que possa ocorrer. Há uma ênfase na importância dos cuidados maternos e no entendimento da infância como uma etapa crucial e fundamental para o desenvolvimento humano. No entanto, apesar desses avanços, os maus-tratos ainda ocorrem. (SCHERER, 2000).

As necessidades básicas das crianças muitas vezes não são atendidas dentro das famílias devido às influências do sistema sociocultural. A análise da expressão "maus-tratos" evidencia uma conotação de agressividade, crueldade, humilhação e desrespeito, que infelizmente é uma forma comum com a qual alguns adultos tratam crianças e adolescentes. (FLORES,2008)

A complexidade da situação familiar envolvida nos maus-tratos é evidente. Muitas vezes, os pais apresentam baixa autoestima, isolamento social, estresse decorrente do desemprego, vivências inadequadas, divórcios, dificuldades para utilizar recursos da comunidade e uma tendência à passividade excessiva. A dinâmica familiar é disfuncional e os conflitos não são resolvidos, o que pode levar à violência familiar - os pais usam seus filhos como válvula de escape para suas frustrações, transferindo conflitos conjugais para eles. A agressão pode ser tão sutil ou tão aprimorada que passa despercebida, sendo normalizada e justificada em nossa cultura (SCHERER, 2000).

Recém-nascidos e crianças pequenas são particularmente vulneráveis devido aos estágios de desenvolvimento pelos quais passam (por exemplo, cólicas, padrões de sono inconsistentes, birras, treinamento para usar o vaso sanitário), Esses desafios podem deixar os cuidadores frustrados, o que é preocupante, pois nessa idade não conseguem denunciar casos de maus-tratos. Crianças nessa faixa etária também estão mais propensas a sofrer lesões cerebrais e na coluna vertebral devido ao tamanho relativo da cabeça em relação ao corpo e à fragilidade dos músculos do pescoço.

Conforme mencionado por Pekarsky (2022), o risco de abuso físico tende a diminuir à medida que as crianças entram nos primeiros anos escolares. Quando crianças mais velhas são vítimas de abuso contínuo, é comum observar características como medo, irritabilidade e distúrbios do sono, elas podem apresentar sintomas de depressão, reações de estresse pós-traumático ou ansiedade. Em alguns casos, os sintomas podem se assemelhar aos do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), o que pode levar a diagnósticos equivocados desse transtorno. É importante ressaltar que, em

situações extremas, comportamentos suicidas ou violentos também podem ocorrer.

A criança que sofre abuso frequentemente manifesta insegurança, ansiedade, frustração e superficialidade nos relacionamentos. Além disso, ela tende a se envolver excessivamente em interações com adultos e pode apresentar passividade. No caso de crianças que enfrentam rejeição, é comum observar uma autoestima extremamente baixa. Já as crianças que vivenciam terror ou ameaças tendem a demonstrar comportamentos de medo e retração.

Quando os cuidados básicos necessários não são fornecidos à criança, isso resulta em prejuízos ao seu desenvolvimento. Os maus-tratos traz consequências devastadoras para as crianças, afetando seu desenvolvimento em diversas áreas. Esses prejuízos não se limitam apenas à infância, mas podem persistir por toda a vida. A família deve ser um ambiente de referência para a criança, oferecendo suporte e segurança, e não um obstáculo para sua interação com o mundo externo (Nunes, 2021).

Consta na constituição que, "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão" (BRASIL, 1988).

Intervenções precoces são cada vez mais necessárias para prevenir e corrigir os atos abusivos em relação às crianças. No entanto, é fundamental realizar pesquisas rigorosas e científicas sobre a amplitude do tema do abuso infantil, para identificar comportamentos não violentos e os criminais das vítimas de abuso, problemas interpessoais e dificuldades vocacionais, além de distinguir os diferentes tipos de abuso sofridos. Para isso, são necessários estudos longitudinais rigorosos que possam esclarecer os antecedentes, correlações e impactos do abuso, a fim de informar e guiar as intervenções mais eficazes e adaptadas às necessidades específicas das crianças maltratadas (SCHERER, 2000).

Os maus-tratos durante a infância têm um impacto significativo e de longo prazo nas estruturas cerebrais e no funcionamento cognitivo, persistindo ao longo da vida. Dado o impacto social, físico, cognitivo e psicológico desses abusos, é essencial que haja uma atenção especial na prevenção, detecção precoce e intervenção, uma vez que seus efeitos podem ter consequências graves e se manter por toda a vida. (Diaphora, 2020).

Pesquisas continuam tentando compreender as possíveis consequências dos maus-tratos na infância, especialmente no que se refere aos prejuízos cognitivos. Há indícios de que o abuso pode causar déficits no controle emocional, na tomada de decisão e na memória de trabalho, além de afetar os níveis de cortisol, o que pode gerar repercussões emocionais e cognitivas. Além

disso, os maus-tratos na infância estão relacionados à redução do volume do hipocampo. É importante ressaltar que o impacto dos maus-tratos não se restringe apenas ao sofrimento psicológico e emocional, mas também pode afetar a morfologia e fisiologia do cérebro, especialmente as áreas do lobo pré-frontal, sistema límbico e corpo caloso. (Diaphora, 2020).

As consequências psicológicas adversas do trauma não se restringem apenas à infância, mas podem afetar o ciclo de vida completo. Estudos indicam que crianças que foram expostas a traumas possuem um maior risco de desenvolver uma variedade de condições clínicas na vida adulta, como transtornos do humor, transtornos psicóticos, transtorno de estresse pós-traumático, comportamentos suicidas e de alto-risco, violência conjugal, maus tratos a crianças e transtornos de personalidade. Em resumo, a exposição a eventos traumáticos pode ter efeitos duradouros e negativos na saúde mental e emocional das pessoas, especialmente quando ocorre em fases críticas do desenvolvimento (Waikamp & Barcellos, 2018).

O conceito de resiliência reafirma o humano como aquele capaz de superar adversidades e situações potencialmente traumáticas, entre os maus tratos mais comumente conhecidos, cogita-se que há pelo menos, duas contribuições no conceito de resiliência para essa problemática : a capacidade de ressignificação do trauma sofrido e a de fazê-lo em distintas fases da vida, na própria infância, na adolescência e mesmo na idade adulta. Em todos os casos a prevenção encontra-se baseada na escuta da criança, onde ouvi-la e acreditar nela fará toda uma diferença no processo de superação do trauma, representando um novo olhar, uma ressignificação do problema, mas que não o elimina, pois constitui parte da história do sujeito.

A promoção da resiliência não substitui a ação do Estado e da sociedade nas questões referentes às situações de risco à saúde e àquelas que interferem negativamente na qualidade de vida da criança, tal como as situações de violência. Logo, a resiliência não pode ser vista como uma nova panacéia para a Saúde, uma saída mágica aplicável inadvertidamente a qualquer situação. A questão que se coloca é uma mudança de olhar em relação às crianças que vivenciam situações adversas. Tal mudança pode significar para o próprio sujeito uma aposta de emancipação diante de um estigma, como o dos maus-tratos. (Junqueira & Deslandes, 2003)

As vivências de maus tratos infantil têm sido relacionadas a altos índices de transtornos mentais, incluindo depressão e ansiedade. Esses efeitos podem ser causados por mudanças prolongadas em sistemas de neurotransmissores, que têm papel fundamental na origem da depressão, como a serotonina. (Diaphora, 2020).

Segundo SCHERER (2000), foi observado que os efeitos negativos dos maus-tratos na vida da vítima podem se manifestar tardiamente, sendo que há uma forte correlação entre o abuso físico e violência familiar e não familiar no futuro do indivíduo. Além disso, há uma maior propensão a uma vida criminosa, envolvimento com abuso de substâncias, auto-mutilação, comportamento

suicida, somatização, ansiedade, depressão, distúrbios de personalidade, dissociação e psicose. Também são comuns problemas nos relacionamentos interpessoais e vocacionais. Embora haja diferenças nos métodos utilizados em estudos, é consenso que quanto mais cedo se interrompe os maus-tratos, melhor é o prognóstico para a vítima, caso ainda não tenha ocorrido danos irreversíveis.

No final do século XIX e início do século XX, Freud fez importantes contribuições para o campo da psicanálise, trazendo novas descobertas que abalaram as concepções da época e levaram a uma mudança no entendimento de si mesmos. Ele introduziu o conceito de inconsciente e trouxe à tona a compreensão do comportamento psicosssexual da criança. Uma das contribuições de destaque de Freud foi a sua abordagem específica da sexualidade na infância, que diferia da associação convencional com os órgãos genitais. Para Freud, a sexualidade na infância tinha como objetivo principal a busca pelo prazer, estando dissociada da sexualidade adulta. Essa compreensão trouxe uma perspectiva inovadora sobre o desenvolvimento psicosssexual e sua influência na formação da personalidade. Essas descobertas de Freud trouxeram uma nova compreensão da natureza humana e tiveram um impacto significativo na psicologia e na forma como as pessoas se enxergam, provocando transformações na visão de si mesmas e na forma como lidam com sua sexualidade e seus desejos ao longo da vida (D.M.L.Zavaroni et al, 2007).

Conforme a teoria freudiana do desenvolvimento psicossocial da criança, esse processo ocorre gradualmente. O prazer sentido pela criança ao obter sensações agradáveis é focado em três zonas distintas do corpo, o que determina diferentes estágios de desenvolvimento que acompanham sua maturação e crescimento. Esses estágios são a base para a forma como a criança se relaciona com a mãe e com o ambiente que a cerca. O estágio oral, que ocorre nos primeiros anos de vida, é marcado pela busca do prazer através da boca e inclui não só o prazer alimentar, mas também o contato físico e afetivo com a mãe. Na fase anal, que ocorre entre os dois e quatro anos de idade, a criança começa a controlar seus esfíncteres e experimenta prazer na retenção e expulsão das fezes, estabelecendo também uma relação com o ambiente. Já no estágio fálico, que ocorre dos 4 aos 6 anos, o prazer é centrado no pênis para meninos e no clitóris para meninas. Nessa fase, a criança estabelece uma relação edipiana com uma figura paterna, acompanhada de sentimentos de admiração, afeto e hostilidade, que levarão à formação do superego. Finalmente, no estágio de latência, que ocorre dos 6 anos até o início da adolescência, por volta dos 11 anos, há uma aparente diminuição do interesse sexual (Moreira, 2011).

Segundo a abordagem psicodinâmica, o trauma ocorre quando o indivíduo vivencia eventos que geram uma quantidade de excitações psicológicas que ultrapassam a sua capacidade de tolerância e elaboração. Crianças são especialmente suscetíveis a esses eventos, pois estão em pleno desenvolvimento e podem sofrer graves consequências quando expostas a traumas ou falhas nas relações precoces, o que pode interromper ou alterar o

curso normal de seu desenvolvimento e levar a uma diminuição de recursos psicológicos e falta de confiança nos objetos.

É imprescindível o estudo sobre as diferentes formas de violência na infância e também das suas consequências na vida adulta para que se conheçam as suas particularidades e se forneçam subsídios para ações preventivas em diferentes níveis de atenção à saúde. Os achados nas pesquisas indicam que todas as dimensões traumáticas vivenciadas pelos pacientes na sua vida infantil (negligência emocional, abuso emocional, abuso físico, negligência física e abuso sexual) influenciaram significativamente o nível de seu sofrimento psicológico atual. Esses resultados estão em consonância com a literatura psicanalítica pós-freudiana que enfatiza a importância de um ambiente primário seguro e saudável, fornecido por cuidadores empáticos, protetores e não invasivos para o desenvolvimento psíquico saudável. Embora Freud tenha indicado que pacientes neuróticos podem distorcer eventos da sua vida pregressa, especialmente aqueles relacionados aos desejos e ansiedades edípicas, este estudo sugere que a ocorrência e o efeito de traumas infantis não devem ser negligenciados na vida desses pacientes. Portanto, é fundamental que psicoterapeutas e outros profissionais de saúde mental estejam atentos à investigação da vida pregressa dos pacientes e à identificação de ocorrências traumáticas passadas para promover ações preventivas e intervenções eficazes que favoreçam a saúde mental de crianças, adolescentes e adultos (Waikamp & Barcellos, 2018).

A Psicanálise freudiana enfatiza a palavra através de seu poder. Freud (1926/1976c) destacando esse aspecto ao escrever: "Não desprezemos a palavra; afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas; as palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas" (p. 214) (Prizskulnik, 2004).

O que aconteceu não pode ser desfeito, é preciso lidar com as marcas do trauma que ficam no corpo, na mente e na alma... no processo que começa com o enfrentamento da verdade, as pessoas só deixam para trás os eventos traumáticos quando são capazes de admitir o que aconteceu e começam a reconhecer seus efeitos invisíveis contra os quais estão lutando. A psicoterapia tradicional geralmente concentra-se em construir uma narrativa que explique os sentimentos e comportamentos atuais do paciente, ou como Sigmund Freud escreveu em Recordar, Repetir e Elaborar. "Embora os pacientes possam sentir que o trauma é algo atual, é necessário trabalhar a tarefa terapêutica que consiste em lidar com o passado". O problema está em lembrar do fato ocorrido com emoção de se estar no passado, revivendo o trauma... se as áreas cerebrais cuja ausência é responsável pelos flashbacks puderem ser mantidas em funcionamento enquanto recordam o que aconteceu, as pessoas conseguem integrar suas lembranças traumáticas como uma coisa do passado. Entendendo que o aqui e agora é seguro, sem um cérebro alerta e presente não pode haver integração e resolução (Kolk, 1943).

A resiliência rompe com uma noção onde o sujeito se vê aprisionado a um ciclo sem saída, onde a vítima necessariamente torna-se um abusador, replicando o que lhe foi imputado, um dos grandes ganhos que a resiliência traz para o campo da saúde é propor uma nova prática pautada em ações personalizadas, nas quais a interação entre sujeitos realmente se estabeleça como vínculo de confiança, como espaço de acolhida e escuta (Junqueira & Deslandes, 2003).

Na psicanálise, a infância e o infantil são termos que remetem a diferentes estruturas conceituais. Enquanto a infância está relacionada a um período específico na realidade histórica, o infantil transcende o tempo e se refere a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente. O infantil é construído em reverência aos conceitos e ao trabalho psicanalítico, e sua singularidade reside no modo peculiar como a infância é abordada no processo analítico. Ele é entendido como uma marca mnêmica recalcada, relacionada aos primeiros anos de vida. É importante destacar a preservação desse aspecto na teoria e prática psicanalítica, reconhecendo a importância do infantil como um elemento central na compreensão da subjetividade humana (D.M.L.Zavaroni et al, 2007).

Freud revolucionou a psicologia ao introduzir o conceito de inconsciente e reconhecer a importância da sexualidade na formação psíquica dos indivíduos. Ele desenvolveu a psicanálise como um método de tratamento baseado na relação afetiva entre analista e analisado, enfatizando o reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes, a sexualidade e o complexo de Édipo ao longo da vida. Por meio da psicanálise, ele explorou fenômenos como transferência e resistência ao acessar o inconsciente na história de vida dos pacientes. Para Freud, as psicopatologias são formas de limitação interna que privam o indivíduo de recursos necessários para se relacionar consigo mesmo e com os outros, causando sofrimento (Fulgencio, 2018).

Assim como a neuroplasticidade ocorre mais facilmente na infância (momento de aprendizagem espontânea) e vai se tornando mais difícil com o passar dos anos, assim é a reconstrução mental da ressignificação no adulto. À medida que envelhecemos, essa reconstrução mental se torna mais difícil. Fazendo-se uma analogia com as raízes de uma árvore: as raízes mais velhas são mais profundas e fortes, exigindo um esforço maior do indivíduo para lidar com essas situações, já que passaram muito tempo enraizadas. Essa dificuldade é potencializada pelos anos de luta para manter os sentimentos reprimidos. É por isso que existem diferentes mecanismos de defesa, com níveis variados de eficácia. Adaptar-se a um ou vários desses mecanismos é necessário para que um ego fragilizado se mantenha seguro.

Para uma mente doente e enfraquecida pela dor, qualquer paliativo é preferível a enfrentar a dor de lidar com algo guardado por tanto tempo. É preciso um grande esforço para que a mente compreenda que esses sentimentos podem emergir. Quando adulto, o indivíduo tem recursos melhor preparados para lidar com situações adversas do que quando era criança e não conseguia enfrentar esses desafios (Giroto, 2020).

É comum que crianças maltratadas busquem um castigo por um crime imaginário (Freud, 1916). A criança maltratada acredita ser culpada pelo que lhe foi imposto pelo adulto, carregando traumas e carências que não lhe pertencem. Vozes em sua mente, por vezes inconscientes, trazem angústia e, mesmo na idade adulta, ela não sabe como lidar com elas. É aí que a terapia psicanalítica entra, ajudando o indivíduo a enxergar, com os olhos de um adulto, uma situação da infância que foi internalizada (Govindama, 2015).

Freud concebeu a psicanálise como um tratamento que busca aliviar essa carga psíquica, não focando na eliminação dos sintomas, mas na recuperação da autonomia e capacidade de agir do paciente. O objetivo é restabelecer as condições psíquicas do indivíduo para que ele mesmo possa enfrentar seus sofrimentos e encontrar a cura dentro de si. A psicanálise representa, portanto, uma abordagem terapêutica que visa proporcionar ao paciente as condições necessárias para sua própria cura (Fulgencio, 2018).

MATERIAIS E METODOS

A metodologia realizada seguiu uma revisão bibliográfica com o objetivo de compreender não apenas as definições, responsabilidades e deveres dos pais, mas também os do estado, e da sociedade em frente aos impactos dos maus tratos no desenvolvimento físico e psicológico, sofridas pela criança, vivenciadas também na fase adulta. Para isso, foram utilizadas as plataformas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) para busca de artigos relevantes, no período de 2000 a 2022, com exceção dos aspectos históricos e conceituais, bem como pesquisas e livros relacionados com o tema. Os termos de busca utilizados foram: "maus tratos infantis", "impactos na vida adulta", "trauma", "sofrimento", "vulnerabilidade", "saúde mental" e "psicanálise".

CONSIDERAÇÕES

Conforme estabelecido no artigo 227 da Constituição Federal de 1988, é responsabilidade da família, da sociedade e do Estado garantir, de forma prioritária, todos os direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Isso significa protegê-los de qualquer tipo de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Essa é uma obrigação fundamental que busca assegurar o bem-estar e a integridade desses indivíduos em nossa sociedade. Atualmente, sociedades e governos consideram dar maior importância e priorizar essa fase da vida, o que se torna um avanço inteligente, que resulta em maiores benefícios sociais e econômicos, o investimento na primeira infância tem o potencial de diminuir as desigualdades, combater a pobreza e construir uma sociedade com condições sociais e ambientais sustentáveis.

A fase mais impactada da vida em relação a situações adversas é a infância. É nela que a criança tem as suas primeiras experiências e começa a

identificar o mundo ao seu redor, ela começa a experienciar seus primeiros relacionamentos com outros indivíduos que normalmente são seus familiares, parentes e amigos da família, por isso o maltrato é tão maléfico para o desenvolvimento da criança, ela por vezes, deixa de confiar em si e nos outros ao seu redor devidos os tipos de convivência que experienciou, em sua maioria, esse posicionamento ruim e prejudicial vem de alguém tão próximo a criança que a deixa desorientada, por vezes sem entender o que está acontecendo, e o que fez para estar recebendo esse tipo de tratamento, a criança maltratada, por vezes, não tem como fugir, não tem como pedir ajuda, não fala, tem medo, não é ouvida, não é vista, então ela em certas circunstâncias se culpa, e se isola dentro de si mesma. E até conseguir entender que não foi ela a culpada, já se passaram anos, e então ela vai precisar se curar e entender que agora pode se proteger, e este é um processo árduo, trabalhoso e dolorido de entendimento e autoconhecimento. Pois, pessoas maltratadas, não curadas, de alguma forma maltratam outras.

O entender que existe uma causa para o sofrimento e encontrar a raiz é essencial para o processo da cura de jovens e adultos que sofreram maus tratos na infância, essa descoberta envolta por um tratamento bem desenvolvido de forma resiliente é essencial para uma vida muitas da vezes plena e saudável, dessa forma, possivelmente, o abusado não se tornará abusador e não propagará o abuso geração após geração, pois cortar o cordão que gera essa problemática é essencial.

A prevenção primária tem como objetivo aumentar a resistência das crianças em casos de agressão, por meio da promoção de um maior conhecimento sobre o problema e do desenvolvimento de competências que possibilitem uma resposta adequada em situações de risco. É importante que as crianças compreendam que seus corpos lhes pertencem e que ninguém tem o direito de violá-los. No entanto, como nem sempre a criança é capaz de se defender sozinha ou denunciar o abuso, é necessário ir além, fortalecendo o diálogo e a tolerância no seio da família. A autoestima das crianças e adolescentes deve ser valorizada, assim como seus direitos e o respeito ao seu corpo devem ser apontados.

É importante ressaltar que essas medidas não garantem a prevenção total do abuso, o que torna necessária uma terceira intervenção, essa intervenção envolve diversas formas de ajuda à vítima de violência após o fim da agressão, incluindo a psicoterapia, que pode prevenir consequências mais desastrosas, auxiliando a criança e sua família a dar sentido e a elaborar o evento, e ao adulto a ressignificação do episódio ocorrido na infância, e em determinados momentos, trazer à superfície a raiz do problema reclamado, de forma a entender o real motivo por trás dos sintomas.

Embora não seja possível mudar o passado, a terapia psicanalítica busca mostrar que o presente pode ser diferente, livre das dores e angústias carregadas do passado, e que o momento atual é seguro, permitindo ao indivíduo proteger a criança que existe dentro de si. Através da ressignificação

das experiências vividas, é possível curar essa criança interior e encontrar um novo significado para sua história.

Com base nos resultados encontrados, é sugerido que profissionais de saúde mental investiguem a história de vida de seus pacientes em busca de possíveis experiências traumáticas na infância que possam estar relacionadas ao sofrimento psicológico atual. Além disso, espera-se que esse estudo incentive novas pesquisas que possam contribuir para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção para favorecer a saúde mental de crianças, adolescentes e adultos.

REFERÊNCIAS

Pekarsky, A. R. Visão geral da criança maltratada (abuso infantil; negligência infantil) MD, State University of New York Upstate Medical University, Upstate Golisano Children's Hospital Avaliado clinicamente. Nov. 2022.

Nunes, P. F. Negligência Infantil E Seu Impacto No Desenvolvimento Psicossocial. Trabalho de Curso apresentado da Faculdade UNA de Catalão – UNACAT - 15 pag. 2021.

BVS. Biblioteca Virtual em Saúde 24/8 – Dia da Infância. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/24-8-dia-da-infancia-2/#:~:text=A%20infância%20é%20a%20etapa,social%20e%20emocional%20dos%20indivíduos>. Acesso em 22 abril 2023.

MOREIRA, LMA. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 113-123. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. Available from SciELO Books<<http://books.scielo.org>>.

GOMES, R. et al. Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(3):707-714, mai-jun, 2002

Diaphora, O impacto dos maus-tratos na infância no desenvolvimento cerebral e no funcionamento cognitivo: uma revisão. Revista Da Sociedade De Psicologia Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, v. 9 (3) | Especial, 2020.

SCHERER, E.A.; SCHERER, Z.A.P. A criança maltratada: uma revisão da literatura. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 22-29, agosto 2000.

FLORES, V.S. Traumas Da Infância E Suas Consequências Nas Várias Etapas Da Existência Humana. Instituto Superior de Ciências da Saúde. Salvador-BA,2008.

JUNQUEIRA, M. F., 1998. Abuso sexual da criança: Contextualização. Pediatria Moderna, 24:432-436.

CARIOLA, T. C., 1995. A posição da criança vítima de maus-tratos na constelação familiar. *Pediatria Moderna*, 31:158-162.

CASTRO NETO, A., 1994. A criança maltratada. *Pediatria Moderna*, 30:219-227

Dias. D.A. Entenda as dimensões dos maus-tratos contra crianças. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/noticias-e-destaques/2021/maio/entenda-as-dimensoes-dos-maus-tratos-contra-criancas>. TJDFT, 2021. Acesso em: 20 abril 2023.

KORN, G. P.; CRESPO, A. C. A.; ULSON, G.; CARNE DUTTO, M. D. & GUTIEREZ, M. T., 1998. Síndrome dos maus-tratos em crianças. *Pediatria Moderna*, 34:445-460.

SILVA, M. A. S., 1998. Violência contra crianças – Quebrando o pacto do silêncio. *Pediatria Moderna*, 34:794-797.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.n. 193.

BRASIL. Constituição (1988). Artigo 227. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/escolaqueprotege_art227.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

JUNQUEIRA, M. F. P. S. & DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(1):227-235, jan-fev, 2003.

SALLES. L.M.F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista. Av. 24 A, n.1515, Bela Vista, 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: <leila@rc.unesp.br>. janeiro - março 2005.

Waikamp, V. & Barcellos Serralta, F. (2018). Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta. *Ciências Psicológicas*, 12(1), 137-144. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v12i1.1603>.

Kolk, Bessel Van der, 1943 - O corpo guarda as marcas [recurso eletrônico] - [tradução de Donaldson M. Garschagen]. - 1. ed. 13:255-275 - Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

Fonagy, P. (2004). Early life trauma and the psychogenesis and prevention of violence. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1036, 181-200. doi: 10.1196/annals.1330.012

Albornoz, A.C.G & Nunes, M.L.T - A dor e a constituição psíquica , v. 9, n. 2, p. 211-218. *Psico-USF*, Jul./Dez. 2004.

Prizskulnik, L (2004). A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, Vol. 5, nº.1, pp. 72-77

Fulgencio, L. Os objetivos do tratamento Psicanalítico para Freud e para Winnicott. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i2p344-361>. Estilos clin., São Paulo, v. 23, n. 2, maio/ago. 2018, 344-361.

D.M.L.Zavaroni et al. A constituição do infantil na obra de Freud. Estudos de Psicologia 2007, 12(1), 65-70

Giroto, Dra. Paula. Plasticidade Cerebral na Infância. 2020. Disponível em <https://drapaulagirotto.com.br/plasticidade-cerebral-na-infancia/>. Acesso em 01 de junho de 2023.

Govindama, Yolande. O sofrimento da criança pequena maltratada e seus pais. DOI: <http://dxdoi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i1p43-58>. Estilos clin., São Paulo, v. 20, n. 1, jan./abr. 2015, 43-58.